

UMA DISCUSSÃO SOBRE A LITERATURA JUVENIL

Cássia Farias Oliveira dos Santos
Orientador: André Cabral de Almeida Cardoso
Mestranda

RESUMO

Ao contrário do que acontece na literatura para adultos, a literatura para crianças e adolescentes tem uma função: ela não é apenas uma forma de lazer, mas serve a um papel educativo, não só porque pode ser usada na escola como meio de trabalhar as habilidades de leitura e conhecimento das normas literárias, mas também por contribuir para a socialização, mostrando para o leitor o mundo e a sociedade ao seu redor. Por esse motivo, o gênero chama a atenção de diversas áreas de conhecimento e da sociedade em geral, sendo alvo constante de tentativas de censura. Além disso, a literatura juvenil surgiu apenas no século XX, se consolidando nos anos 60, sendo um campo de estudos extremamente novo, e que divide com a literatura infantil o fato de ser heterogênea e ter fronteiras pouco definidas. O trabalho pretende discutir algumas questões acerca dessa literatura, como a relação entre o leitor e o texto e as características que a definem.

PALAVRAS-CHAVE: literatura juvenil; literatura infanto-juvenil; Romance.

O presente trabalho pretende discorrer, de forma breve, sobre algumas problemáticas da literatura infanto-juvenil. Os temas aqui abordados fazem parte da pesquisa para a dissertação a ser desenvolvida para o mestrado em Literaturas de Língua Inglesa, focando particularmente na produção contemporânea dos Estados Unidos, e foram escolhidos por serem questões importantes para definir e delimitar o corpus trabalhado.

A primeira coisa que é preciso discutir é a nomenclatura do gênero. O termo infanto-juvenil é impreciso, pois abarca um grupo de leitores implícitos que vai desde a primeira infância até indivíduos que estão chegando à vida adulta. Existe a possibilidade, normalmente adotada, de dividir essa literatura em dois grandes grupos, a literatura infantil e a juvenil. O que acontece na prática, porém, é que o termo infanto-juvenil é usado indiscriminadamente como sinônimo tanto da literatura para crianças como para adolescentes, e também para denominar o conjunto oriundo da junção das duas. Não é meu objetivo propor uma solução, ou uma forma de tornar mais clara a nomenclatura, mas essas são questões devem ser mencionadas, pois ajudam a situar o leitor e melhor esclarecer o objeto a ser tratado. No caso específico deste trabalho, irei tratar da literatura juvenil, utilizando o termo infanto-juvenil apenas quando estiver falando de elementos ou características que sejam comuns à literatura para crianças e àquela voltada para adolescentes.

Escolher focar na literatura juvenil levanta outro debate: quais são, exatamente, as obras que a compõem? A questão é polêmica, já que existem três tipos de obras que se encaixariam nesse gênero: obras escritas para o público adulto, mas que fazem sucesso com o público juvenil; obras *escritas para* adolescentes; e obras *escritas por* adolescentes. É possível, então, ver a literatura juvenil como um conjunto formado pela junção desses tipos de obra ou apenas como a manifestação de uma ou outra delas. Outro aspecto a ser levado em conta é que a classificação de uma obra como infantil ou juvenil (em oposição à literatura adulta ou em oposição uma a outra) parece, muitas vezes, seguir critérios subjetivos. É o caso de *Are You There, God? It's Me, Margaret* (1970), de Judy Blume, tratado por Seth Lerer como um livro infantil e por Cart como um exemplo de literatura juvenil, visto que trata de uma menina de 12 anos que está começando o sexto ano. Podem-se observar também casos como o de *As vantagens de ser invisível* (1999), de Stephen Chbosky, originalmente lançado pela MTV Books. Cart (2010, p.92) argumenta que a editora voltava suas publicações para a parcela mais velha

dos telespectadores do canal, entre 18 e 34 anos, ou seja, não era uma editora de livros juvenis, mas, de acordo com o autor, muitos de seus livros se encaixariam nessa literatura, e ele destaca que *Vantagens*, em especial, deveria ter sido lançado como YALit. De fato, o livro parece ter sido abraçado pela crítica como tal¹ e, em edições mais recentes, conta, inclusive, com um guia de leitura a ser usado em sala de aula – no Brasil, o livro foi lançado e classificado como juvenil. Além de ser mais uma evidência de subjetividade na classificação genérica dos livros, isso mostra que os critérios mudam de um país para o outro. As fronteiras pouco delimitadas e flexíveis das literaturas infantil e juvenil podem ser consequência não só do já mencionado amplo público alvo, mas também do fato de se tratar de duas literaturas surgidas recentemente.

Estudos críticos costumam apontar que “somente a partir do século XVIII pode considerar-se que existem livros dirigidos a crianças e adolescentes como um fenômeno cultural de certo valor” (COLOMER, 2003, p.13) e com características próprias. Suas origens estão ligadas às mudanças e avanços acerca da concepção de educação, sendo sua função primária justamente a de educar seus jovens leitores. Já a literatura juvenil, em si, é um fenômeno ainda mais recente, visto que a própria noção de adolescência só seria definida no início do século XX (TRITES, 2000, p.8; CART, 2010, p.4): os membros dessa nova parcela da sociedade foram vistos basicamente como crianças até os anos 1930, sendo essa a década em que começaram a ser comercializados livros com esse público em mente, coincidindo com a emergência da cultura jovem (CART, 2010, p.8-9). As obras de Cart e Trites apontam que a literatura juvenil só iria se estabelecer e se definir com mais clareza no pós-Segunda Guerra Mundial e que “passou a ser vista como um gênero literário distinto no final dos anos 60” (TRITES, 2000, p.9). É importante perceber também que, mais do que à literatura infantil, seu desenvolvimento se deve à literatura adulta: dois dos três livros que costumam ser citados como decisivos para o estabelecimento da YALit – *Seventeenth Summer* (1942), de Maureen Daly, *Apanhador no campo de centeio* (1951), de J.D. Salinger e *The Outsiders* (1967), de S.E. Hinton (TRITES, 2000, p.9) – foram escritos e publicados para o público adulto, apesar de Daly ter escrito parte de seu livro na adolescência. Desses, apenas a obra de

¹ Como pode ser visto nos artigos “‘It’s *The Catcher in the Rye*... He Said It Was the Kind of Book You Made Your Own’: Finding Holden in Contemporary YA Literature”, de Bickmore e Youngblood, “The Epistolary in Young Adult Literature”, de Wasserman, e “What Annie Wrought”, do próprio Cart, que no livro de 2010 também se refere a obra como YALit.

Hinton foi lançada tendo os jovens como público alvo. Cada qual à sua maneira, esses livros ajudaram a construir um tipo de literatura para adolescentes que se aproxima da que é produzida nos dias de hoje.

Outro fato interessante sobre a literatura infanto-juvenil é trazido à tona por Teresa Colomer em *A formação do leitor literário*, obra na qual a autora faz uma revisão da história dos estudos sobre a literatura infanto-juvenil – com foco maior na infantil – e aponta que, ao longo do tempo, essas literaturas passaram a configurar uma área de estudos multidisciplinares que não se iniciou nos estudos literários, mas sim na área de biblioteconomia (COLOMER, 2003, p.23-24). Peter Hunt também reporta esse fenômeno, e afirma que

A literatura infantil [e podemos dizer também que a juvenil] (e seu estudo) atravessa as fronteiras genéricas já estabelecidas, históricas, acadêmicas e linguísticas; ela requer contribuição de outras disciplinas; é relevante para uma ampla classe de usuários, apresenta desafios singulares de interpretação e de produção. Implica necessariamente em aquisição da língua, censura, gênero e sexualidade, o que leva o debate mais para o domínio do afeto que para o da teoria (HUNT, 2010, p.49)

A diferença é que, enquanto Colomer parece ver o fato de que a literatura infanto-juvenil se presta a diversas abordagens como algo positivo e que enriquece os estudos sobre ela, Hunt chama atenção para o fato de que "[o] resultado acadêmico (...) é que seu estudo tende a ocorrer mais nas disciplinas práticas de biblioteconomia e educação, e talvez na psicologia, que na disciplina mais teórica de 'literatura'" (HUNT, 2010, p.49). E, de fato, essa parece ser a realidade dos estudos sobre a literatura para crianças e adolescentes, com grande profusão de trabalhos no ramo da educação, que apresentam também grande diversidade, o que nem sempre pode ser dito dos estudos literários, sendo inclusive as obras que falam do viés pedagógico dessa literatura as que delinham panoramas históricos e tentativas de delimitá-la e classificá-la.

O interesse de diferentes áreas de estudo pela a literatura infanto-juvenil pode ser visto como um reflexo do interesse que a sociedade em geral tem pelo tema. Apesar de ainda ser vista como um tipo de literatura de menor importância, existe uma grande preocupação, em especial no cenário norte-americano, com *o que* é lido por crianças e adolescentes. A prova disso é lista da American Library Association (ALA) dos 10 livros cuja adequação mais foi questionada em 2014, nos EUA: a lista é composta por um livro ilustrado, dois livros de não ficção, três quadrinhos e quatro romances, dos quais apenas dois não apresentariam conteúdo "inapropriado para o público alvo"

(AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION, [2015?])² como motivo para questionamento. É interessante notar que apenas metade das obras listadas foi, de fato, *feita para* crianças e adolescentes, mas as que foram feitas para o público adulto, em sua maioria, trazem personagens jovens como o ponto central da narrativa, o que pode despertar o interesse de jovens leitores para esses livros.

As constantes tentativas de censurar a literatura juvenil podem se relacionar com a afirmação de Colomer (2003, p.14) de que “[n]os livros infantis, mais do que na maioria dos textos sociais, se reflete a maneira como uma sociedade deseja ser vista”. As obras cuja adequação é questionada são justamente os livros que fogem dessa representação idealizada, tratando de temas polêmicos como abuso sexual, desigualdade social, conflitos armados e outros tópicos considerados tabus ou muito “pesados” para o público jovem. Isso é importante, também, porque, como Colomer (2003, p.161) comenta, “a literatura infantil e juvenil foi se consolidando como um instrumento socializador de nossa cultura”, servindo para transmitir os valores – positivos – da sociedade atual. Ou seja, apesar dos protestos de que os livros infanto-juvenis muitas vezes são inapropriados, o que ocorre na prática é que

Livros para adolescentes são subversivos – mas às vezes apenas de forma superficial. Na verdade, eles costumam ser bastante didáticos; a conclusão do enredo de muitos romances juvenis contém uma mensagem explícita sobre o que o narrador aprendeu. (...). Livros para adolescentes têm muitas ideologias. E eles passam muito tempo manipulando o leitor adolescente. (TRITES, 2000, p.ix-x, tradução livre)

É possível perceber que, de fato, os livros juvenis tendem para uma reconciliação entre indivíduo e sociedade, mesmo nos casos em que essa mesma sociedade é hostil ao indivíduo, ou assim se mostra inicialmente. Há, então, um certo conservadorismo na literatura infanto-juvenil que, muitas vezes, escapa à percepção dos censores.

Mas o que podemos dizer sobre as características dessa literatura? Uma definição precisa não seria possível, mas é possível estabelecer alguns pontos em comum entre as obras que costumam ser classificadas nesse gênero.

² Os livros são: 1) *O diário absolutamente verdadeiro de um índio de meio expediente*, Sherman Alexie; 2) *Persépolis*, Marjane Satrapi; 3) *And Tango Makes Three*, Justin Richardson e Peter Parnell; 4) *O olho mais azul*, Toni Morrison; 5) *Vamos falar sobre sexo*, Robie Harris; 6) *Saga*, Brian Vaughan e Fiona Staples; 7) *O caçador de pipas*, Khaled Hosseini; 8) *As vantagens de ser invisível*, Stephen Chbosky; 9) *Vida roubada - Memórias*, Jaycee Dugard e 10) *Drama*, Raina Telgemeier.

Hunt (2010, p.27) afirma que a literatura infantil, e podemos dizer que a juvenil também, “se define exclusivamente em termos de um público que não pode ser definido”. O que podemos tirar disso, na verdade, é que a literatura infanto-juvenil é, por natureza, heterogênea – como pode ser visto na caracterização feita por Colomer (2003, p.175) do destinatário dessas literaturas:

Um leitor cuja idade aumenta, que amplia progressivamente suas possibilidades de compreensão do mundo e do texto escrito, e a quem, portanto, dirigem-se textos que deveriam diferenciar-se segundo as características psicológicas da idade e segundo a complexidade das exigências de leitura. (grifos do original)

Além disso, a leitura das obras parece indicar uma correlação entre a idade do protagonista, ou núcleo jovem principal, e a idade do leitor implícito ou alvo, devendo elas ser próximas, sendo pouco comum também, em especial nos dias de hoje, a presença de protagonistas adultos. Os leitores também determinam a linguagem que será utilizada, em termos de estilo, elaboração e vocabulário.³ Como leitores de diferentes idades têm diferentes “necessidades”, fica estabelecido, também, que a literatura infanto-juvenil é, por natureza, heterogênea – o que realmente dificulta os esforços para classificá-la.

Por ser heterogênea, e por interagir com outras formas e mídias, como os quadrinhos, é difícil falar sobre os aspectos formais da literatura para adolescentes. A princípio, esses livros tendiam a ser de curta extensão, mas isso não pode mais ser usado como critério de diferenciação nos dias de hoje: como bem chama a atenção Cart (2010, p.98), os livros da saga *Crepúsculo* e os livros finais de Harry Potter ultrapassam as 200-300 páginas que se consideravam habituais, e esses livros foram fenômenos de venda, não sendo, também, os únicos livros longos escritos para esse público. No entanto, se o fato de ser breve não caracteriza esses livros em sua extensão, ainda serve para descrever os seus enredos. De uma forma geral, na YAlit a ação ocorre em um curto espaço de tempo – de um ano, como em cada volume da série Harry Potter, a uma única noite, como em *Nick e Norah: uma noite de amor e música* (2006), de David Levithan e Rachel Cohn – sendo menos comuns histórias que se desenrolam ao longo de anos, com a exceção de séries que se estendem por vários volumes.

³ Um exemplo disso pode ser visto em “What is Young Adult Fiction?”, texto em que David Belbin trata, dentre outros assuntos, de sua experiência escrevendo romances para “leitores relutantes”, cuja “linguagem precisa ser direta e a história linear” para acomodar leitores jovens e que têm dificuldades em acompanhar a leitura (BELBIN, 2011, p.138, tradução livre).

Talvez como reflexo disso, temos que a literatura infanto-juvenil apresenta uma natureza episódica, não querendo isso dizer que dentro de uma mesma história as peripécias narradas tenham pouca relação entre si, mas sim que os romances tendem a focar em acontecimentos e conflitos específicos, e muitas vezes pontuais, em um recorte da vida das personagens, tratando do que lhes aflige naquele momento. Essa natureza episódica fica mais clara quando observamos as séries e sagas, nas quais há um todo extenso, e que às vezes acompanha todo o crescimento das personagens, mas em que cada livro tem um foco reduzido, o que se reflete inclusive nos títulos: *Percy Jackson e o ladrão de raios*, *Harry Potter e as relíquias da morte*, *A escolha* (série Seleção).

Como afirma Peter Hunt (2010, p.27), “a literatura infantil também é um campo que abarca quase todos os gêneros literários”, e o mesmo vale para a literatura juvenil, que compartilha com as obras para crianças o fato de possuir “gêneros específicos: a narrativa para escola, textos dirigidos a cada um dos sexos (...)” (HUNT, 2010, p.44), entre outros. Porém, apesar de se caracterizar pela interação com outros gêneros – o que permite uma variedade de temas e formatos –, costuma-se dividir a produção para crianças e adolescentes em dois grandes grupos, ou subgêneros: a fantasia e a ficção realista, que têm suas temáticas e formas específicas.

Uma das especificidades da literatura infanto-juvenil é que, ao contrário da literatura adulta, ela tem uma função: ela não é apenas uma forma de lazer, mas serve a um papel educativo, não só porque pode ser usada na escola como meio de trabalhar as habilidades de leitura e conhecimento das normas literárias, mas justamente por contribuir para a socialização, mostrando para o leitor o mundo e a sociedade ao seu redor, e a forma como estes funcionam. Nos estudos sobre a literatura juvenil, se aceita que a “literatura tem a capacidade de dar [aos adolescentes] um lugar no mundo, algo tangível em que eles podem se apegar enquanto passam pelas suas próprias versões dos processos de transição presentes em cada [livro].” (BICKMORE; YOUNGBLOOD, 2014, p.262, tradução livre). O sujeito adolescente é, por excelência, um sujeito em transição, e seu percurso, idealmente, deve culminar na passagem satisfatória da infância para a vida adulta. A literatura oferece uma forma de enfrentar os conflitos típicos dessa fase, ao mostrar para o adolescente que é possível superar suas dificuldades e que ele não é o único a enfrentá-las. Isso aponta para a necessidade de diversidade nas temáticas abordadas por esse gênero, já que a empatia parece ser crucial nas relações de leitura de crianças e adolescentes, seja em seu aspecto educativo ou

prazeroso. Dessa forma, nenhum assunto deveria ser muito sério ou muito polêmico para ela, nem muito “bobo” ou sem importância, ainda mais se estiver diretamente ligado à experiência adolescente.

Mas, tendo em mente que elas normalmente têm o objetivo de promover o aprendizado, como se dá a resolução de conflitos nessas narrativas? O tipo de conclusão em que vemos apenas a tomada de decisão e o impulso inicial de mudança, mas sem de fato saber se os conflitos foram todos solucionados, tem se tornado comum na literatura juvenil e convive com os finais mais tradicionais, que encerram os conflitos de forma definitiva. Os dois tipos de final, porém, demonstram a grande presença do otimismo na literatura infanto-juvenil. Não que finais tristes sejam inexistentes, mas o próprio conceito de final feliz é subjetivo. *The Chocolate War* (1974), de Robert Cormier, é constantemente visto como um exemplo de livro com um final “triste”, que mostra que na vida nem tudo pode ter uma resolução positiva. Trites, porém, vê uma redenção no final do romance, porque “pelo menos um dos personagens do romance teve a oportunidade de crescer” (TRITES, 2000, p.15, tradução livre), oportunidade que também é estendida ao leitor. Se a definição de final feliz for o “felizes para sempre”, com resolução total dos problemas, então muitos livros não se encaixam nesse padrão.

O que parece ser comum aos diferentes finais da literatura infanto-juvenil é uma tendência para a esperança, mesmo quando a conclusão parece triste. Talvez isso se dê porque a esperança esteja no próprio ato de ler, na busca, por parte do leitor, pela identificação e pela descoberta do seu lugar no mundo. Para Chambers, a leitura muitas vezes traz uma epifania, que segundo ele é “[p]assar a saber de forma consciente algo que você não sabia que já sabia. A sabedoria de que ‘eu sou e estou no mundo’, e que eu não estou sozinho” (2010, p.272, tradução livre). Outra explicação para essa tendência é o já mencionado conservadorismo presente nessa literatura, e da ideologia que ela carrega. Como aponta Roberta Trites (2010, p.19, tradução livre), “[o] romance juvenil se constitui como um gênero exatamente porque, enquanto um gênero, busca demonstrar a habilidade dos personagens de amadurecerem e passar a aceitar o ambiente em que vivem”, tendendo também para a reconciliação. Ainda segundo ela, “de fato, adolescentes não chegam ao amadurecimento em um romance juvenil até que eles atinjam a reconciliação com os poderes das instituições sociais com as quais precisam interagir para sobreviver” (TRITES, 2000, p.20, tradução livre), o que envolve

os valores socialmente desejáveis e a imagem de nossa sociedade que se deseja projetar na literatura infanto-juvenil.

Há ainda muito que poderia ser dito, mas as questões aqui abordadas são elementos que podem ser observados na literatura juvenil dos últimos anos. Foram descritos aqui os aspectos mais gerais sobre essa produção, evitando uma classificação e definição mais “rígidas”, já que a literatura infanto-juvenil está sempre se transformando, se reinventando, uma vez que “uma característica central da literatura da juventude seria ter como finalidade descrever e identificar o que é juventude” (CHAMBERS, 2010, p.273, tradução livre). A adolescência e o ser adolescente são conceitos que mudam com o tempo, e a literatura precisa acompanhar isso. Tendo isso em mente, espero ter conseguido ajudar a construir um panorama básico para aqueles que buscam saber mais sobre esse gênero, apresentando de forma concisa algumas das discussões levantadas em minha pesquisa.

REFERÊNCIAS

AMERICAN LIBRARY ASSOCIATION. Banned & Challenged Books. *Frequently Challenged Books*. Chicago: [s.n.], [2015?]. Disponível em: [<http://www.ala.org/bbooks/frequentlychallengedbooks>]. Acesso em: 10 jul. 2015.

BELBIN, D. What is Young Adult Fiction?. *English in Education*, Yorkshire, v.45, n.2, p.132-145, jun. 2011. Disponível em: [<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1754-8845.2011.01094.x/epdf>]. Acesso em: 16 out 2014.

BICKMORE, S.; YOUNGBLOOD, K. “It’s *The Catcher in the Rye*... He Said It Was the Kind of Book You Made Your Own”: Finding Holden in Contemporary YA Literature. *English in Education*, Yorkshire, v.48, n.3, p.250-263, 2014. Disponível em: [<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/eie.12049/abstract>] Acesso em: 16 out. 2014.

CART, M. *Young Adult Literature: from romance to realism*. Chicago: ALA Editions, 2010.

_____. What Annie Wrought. *Booklist*, New York, v. 110, n. 2, p.62, set. 2013. Disponível em: [<http://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=90402469&lang=pt-br&site=eds-live&authtype=ip,cookie,uid>]. Acesso em: 16 out. 2014.

CHAMBERS, A. Finding the Form: Toward a Poetics of Youth Literature. *The Lion and the Unicorn*, Baltimore, v.34, n.3, p.267-283, set. 2010. Disponível em: [https://muse.jhu.edu/journals/lion_and_the_unicorn/v034/34.3.chambers.pdf]. Acesso em: 16 out 2014.

COLOMER, T. *A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual*. Trad. Laura Sandroni. São Paulo: Global Editora, 2003.

HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Trad. Cid Knipel. Ed. rev. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

LERER, S. *Children’s Literature: A Reader’s History, from Aesop to Harry Potter*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008.

TRITES, R. S. *Disturbing the Universe: Power and Repression in Adolescent Literature*. Iowa City: University of Iowa Press, 2000.

WASSERMAN, E. The Epistolary in Young Adult Literature. *The ALAN Review*, v.30, n.3, 2003. Disponível em: [<http://scholar.lib.vt.edu/ejournals/ALAN/v30n3/pdf/wasserman.pdf>]